



**As Repúblicas Estudantis de Ouro Preto e Mariana:
influências da comunidade na existência de uma bolha social**

**Ouro Preto and Mariana Sororities and Fraternities:
the community influences in the existence of a social bubble**

Raiane Rezende¹
Adriana Bravin²

Resumo: Este trabalho analisa como as repúblicas estudantis de Ouro Preto e Mariana influenciam e mantêm uma bolha social. Foram usadas técnicas inspiradas na etnografia, netnografia, observação participante e não-participante. Também foram utilizadas entrevistas de cerca de uma hora cada com dois decanos, cada um representante de cada república observada e com a vice-decana de uma das casas. As perguntas foram roteirizadas previamente assegurando respostas necessárias, mas o prolongamento de tais respostas pelos entrevistados foi permitido sem impedimento. As entrevistas foram registradas integralmente em um diário de campo e as informações obtidas foram guia essencial para este trabalho. Considera-se que a bolha social contribui para o déficit de informações e experiências existentes “do lado de fora” e a comunidade termina por não compartilhar substancialmente da cultura das cidades que a recebem.

Palavras-chave: Tradição; identidade; repúblicas; comunidade; bolha epistêmica.

Abstract: This work aims to analyze how the sorority and fraternity lifestyle in Ouro Preto and Mariana influences and keeps a social bubble. There were used a combination of techniques inspired by ethnography, netnography, participant and non-participant observation. Interviews about one hour long were also used with the presidents of two houses, each one representing one house, besides one of the houses vice president. The questions were previously written to ensure the necessary answers, but their extension was permitted without interruption. The interviews were fully registered in a field journal and the informations obtained were an essential guide for this work. The social bubble causes a deficit of information and experiences existing on the outside and the community does not substantially share of the local culture.

Keywords: Tradition; identity; sororities; fraternities; community; epistemic bubble.

¹ Recém-graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop). E-mail: raiane.rze@gmail.com

² Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop). Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: adriana.bravin@ufop.edu.br



Introdução

Este artigo é uma versão reduzida do trabalho de conclusão de curso (TCC) em Jornalismo, defendido na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Nele busco entender como o sistema de repúblicas de Ouro Preto e Mariana (MG), casas de estudantes que frequentam a Universidade Federal de Ouro Preto, influencia a constituição de uma bolha social estudantil. Pontuo que esse questionamento surgiu a partir da minha própria participação nessa comunidade. Defino como bolha social um ambiente que priva ou reduz significativamente o contato das pessoas de dentro a um conjunto de ideias ou experiências comuns ao ambiente externo. Para tornar esse interesse cultural em uma pesquisa possível, me pareceu essencial unir as áreas do jornalismo e da comunicação como campo da antropologia e da sociologia, buscando autores que pudessem enriquecer os caminhos teórico-metodológicos da pesquisa.

As cidades onde as repúblicas estudantis analisadas estão localizadas são pequenas: Mariana possui 54.219 habitantes, de acordo com o último censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), de 2010, sendo que a estimativa para o ano de 2020 era de 61.288 habitantes. Já a cidade de Ouro Preto possui 70.281 habitantes, de acordo com o mesmo censo, e a estimativa era de 74.558 habitantes para 2020. É interessante observar que nesses ambientes urbanos carregados de história e memórias do período colonial, existe um sistema republicano estudantil rico em tradições coexistentes com o mundo globalizado. De acordo com a universidade, são 59 repúblicas federais³ em Ouro Preto, totalizando cerca de 794 residentes. Não encontrei a informação sobre o número exato de repúblicas particulares⁴ de Mariana, as únicas existentes na cidade além dos conjuntos habitacionais da universidade, onde habitam os estudantes que não vivem nas repúblicas federais, nos alojamentos ou nos pequenos grupos independentes que não formam repúblicas particulares. Pretendo entender a importância dos rituais praticados nas repúblicas para a criação e manutenção de laços emocionais entre morador e república, além de compreender se esses rituais são responsáveis pelo suposto receio do “mundo lá fora”.

³ Moradia estudantil cedida pela universidade que segue regras básicas de funcionamento impostas pela instituição.

⁴ Casas comuns alugadas pelos estudantes sem ligação direta com a universidade.



Para tanto, utilizei da proximidade existente entre as áreas da antropologia e do jornalismo. Para Travancas (2002), jornalistas e antropólogos podem ser vislumbrados como parte dos profissionais mediadores em uma sociedade, já que ambos os campos trabalham com os diferentes grupos existentes no meio social. Existe, na presente pesquisa, a necessidade do tema proposto de entrar em contato com outros campos de estudos, com a intenção não apenas de enriquecer a investigação, mas também de encontrar respostas essenciais que não seriam possíveis se buscadas estritamente dentro do campo do jornalismo. Por isso a observação participante, ferramenta que nasce na antropologia, com Malinowski (1976), foi utilizada neste trabalho com o objetivo de observar o modo de vida republicano e como ele influencia a bolha social que acredito existir nesse meio.

1. A jornada do estudante republicano

As repúblicas de Mariana e Ouro Preto formam uma comunidade⁵ tradicional sustentada por rituais e símbolos tradicionais. De acordo com Giddens (2001), uma tradição se constitui como tal pelos seguintes elementos: a presença de um guardião, uma verdade formular, rituais e a memória coletiva, esse último tendo sido mencionado antes por Halbwachs (1990). Entre os elementos que constituem essa comunidade tradicional estão: casa, rocks e sociais, seleção, hierarquia, bandeira e hino. Como esses são termos específicos utilizados nas repúblicas, cada um deles serão detalhados para melhor entendimento do texto.

A **casa** é o lugar físico onde existe essa comunidade. É o ambiente onde ela floresce e se mantém. A casa geralmente existe no mesmo endereço por um grande período de tempo, o que contribui para a manutenção da memória coletiva do lugar e de suas histórias, um dos elementos necessários à comunidade tradicional.

As repúblicas federais de Ouro Preto costumam preservar seus endereços de fundação originais, pois como são pertencentes à universidade, a necessidade de mudança raramente aconteceria por dificuldade financeira ou desentendimento com o locador. O segundo elemento: **O rock**, penúltimo elemento que cito, é uma festa realizada de uma república para outras

⁵ De acordo com Bauman (2003) é um lugar "cálido", confortável e aconchegante.



repúblicas. É um momento realizado para fortalecer o laço social com outras casas da comunidade, e é também no rock, por exemplo, que o hino é cantado. Por último, cito os **sociais**. Embora esse ritual se pareça com o rock, ele geralmente tem um número reduzido de pessoas participantes e é marcado com repúblicas específicas, raramente sendo aberto a todas as casas da comunidade. Isso porque o social é realizado com a intenção de criar ou fortalecer laços com essas repúblicas.

O terceiro elemento, a **seleção**: Esse acontece em dois sentidos: No primeiro, o estudante interessado em viver na república visita a casa para conhecer, através de uma conversa breve com os moradores, como é o funcionamento, quais são as expectativas com relação a ele, como é a convivência, os ambientes da casa e as vantagens de se viver nessa república, especificamente. No segundo, é tradicional que os estudantes interessados em viver em uma república passem por um período chamado “batalha de vaga”. A batalha envolve uma série de atividades e cumprimento de expectativas (dos republicanos) dentro de um período previamente comunicado; esse período pode ser flexível, de 3 meses, como na república N1⁶, de 6 meses ou até 1 ano, de forma geral. Dentro desse espaço de tempo, o estudante poderá ou não ser aceito pelos moradores para efetivamente coabitar na casa. Esse momento nos leva ao elemento seguinte: **a hierarquia**. Esse sistema de organização da casa tem seus próprios sub-elementos, constituídos das posições que o formam: o bixo⁷, o semi-bixo⁸, o vice-decano⁹, o decano¹⁰ e o ex-aluno¹¹. Para fazer parte definitivamente da república, o estudante precisa passar pelo ritual da escolha, deixando de ser um bixo (calouro) e tornando-se um semi-bixo.

A escolha é um ritual e elemento importante da comunidade republicana e existe, como explicado, dentro da hierarquia. Dentro do prazo estipulado pela república, o calouro deve ou não ser escolhido. Caso ele tenha se identificado com a casa e tenha demonstrado isso através de ações que a república entendeu como positivas e fazendo parte de suas expectativas, o calouro passa pelo ritual da escolha. A república planeja um rock no qual, em dado momento,

⁶ Forma como será referenciada uma das repúblicas constantes neste estudo.

⁷ Morador recém-chegado e ainda não escolhido através da batalha.

⁸ Morador recentemente escolhido.

⁹ Um dos moradores há mais tempo na casa e o segundo em hierarquia após o decano.

¹⁰ Morador mais antigo da casa e o primeiro na hierarquia dentro da república.

¹¹ Ex-morador da república após ser graduado e topo da hierarquia fora da casa, com função semelhante a de um conselheiro.



anunciará às outras casas convidadas que tem um novo morador. O bixo recebe, então, uma espécie de placa com um cordão para ser usado no pescoço, como um colar de enorme pingente, e nessa placa estará escrito o nome do ex-bixo, comumente seguido de: “novo morador da república x”.

Esse ritual tem uma clara função: A república acolhe o bixo como morador de sua casa, ou seja, o aceita como parte de sua micro comunidade e o faz durante um evento que reúne outras repúblicas, de forma que toda a grande comunidade saiba a qual casa aquele estudante pertence. Daniela, moradora da república N2¹² descreveu, durante minha observação participante na casa, que sua escolha serviu para criar uma identidade, selando sua moradia naquela casa. A própria existência da hierarquia é um sistema de organização da comunidade republicana, tendo características de disciplina social ou apenas de ordenamento administrativo, como explicou a decana da república N2:

[...] Desde que eu entrei de verdade na república, né, as decanas que eu presenciei... É... A gente usou a hierarquia desse modo. Mais como uma forma de organização, mesmo. E daí a gente usa em tudo que vai decidir na casa, desde os dias de faxina... É... Dia da semana que vai lavar roupa... A gente usa a hierarquia pra organizar esse tipo de coisa. Mas todo mundo dentro da casa faz a mesma coisa, sabe. Igual... Todo mundo faz faxina igual. Decana faz faxina, vice-decana... Moradora e caloura. Todo mundo tem as mesmas funções. A diferença é que a gente usa a hierarquia para fazer a escolha, daí a gente começa pela decana. Ela tem prioridade para escolher o dia que ela quer fazer a faxina, o dia que ela quer lavar roupa, essas coisas assim. E aí a escolha vai acontecendo por ordem de hierarquia, né (LUZIA, 2020).

Já de acordo com minha observação participante na república N1, o uso de hierarquia é mais tradicional ao modo ouro-pretano. Os moradores de níveis hierárquicos diferentes têm funções sociais distintas na casa, de modo que o sistema não é usado apenas para organização, mas para o "molde" do estudante como membro daquela comunidade. No meu primeiro contato com a república, presenciei algumas cenas que demonstram a forma de funcionamento dessa comunidade: um morador se apresentou como “bixo”, sem usar seu nome de nascimento ou mesmo apelido que, antes da escolha, não existe. Ainda dentro da hierarquia há o ex-aluno. No

¹² Forma como será referenciada uma das repúblicas constantes neste estudo.



conceito republicano de hierarquia, a posição de ex-aluno é a mais alta, já que não há expiração do título de ex-aluno e parte do indivíduo a escolha de gozar desse título ou não, sendo que a resposta positiva resulta nas aparições do ex-aluno para visitar a república, conhecer novas gerações, investigar a continuidade da tradição, compartilhar suas memórias como morador e até mesmo sugerir ou, como no caso das repúblicas mais tradicionais, exigir mudanças de atos com os quais não concorda. O ex-aluno é também um guardião (GIDDENS, 2001) para sua república, passando conhecimentos de sua época e ensinando o caminho para a geração mais jovem.

O morador que está prestes a se formar passa pelo ritual do quadrinho. O quadrinho é realizado em um rock especial, produzido para celebrar a formatura de um morador e sua saída da casa, quando um porta-retrato com sua foto de formatura (o chamado quadrinho) é pendurado na parede onde há os quadrinhos de todos os ex-moradores da casa.

O próximo elemento que existe nessa comunidade é **a bandeira**. Ela é utilizada como forma de identificação da casa e tradicionalmente é deixada à mostra em um cômodo de grande movimentação da república. A bandeira contribui com a composição da memória coletiva da comunidade, sempre visível, sempre reforçando essa memória e deve conter o brasão e o nome da casa, em sua forma básica. Por vezes também são adicionados o ano de fundação, curso (caso seja uma república que aceita moradores de apenas um curso/área específica) e o nome da universidade a qual seus moradores pertencem – nos casos em estudo, a UFOP. Como quinto elemento citado, **o hino**, é criado de forma a representar a república e seus gostos, sua personalidade e, conseqüentemente, a de seus moradores. O hino será interpretado de forma diferente ao longo do tempo, e escolher não mudá-lo preserva a memória coletiva dos ex-alunos e sua emoção ao entoá-lo junto dos moradores atuais.

2. Referencial teórico-metodológico

Realizei uma revisão bibliográfica sobre os conceitos pertinentes ao tema (memória coletiva, modernidade líquida, identidade, comunidade, tradição), que me levaram à leitura e aplicação essencialmente dos autores Anthony Giddens (2001), Maurice Halbwachs (1990),



Zygmunt Bauman (2005) e Thi Nguyen(2018), este último trazendo o conceito essencial da bolha epistêmica:

Uma bolha epistêmica é uma estrutura social epistêmica na qual vozes relevantes foram deixadas de fora, talvez acidentalmente. Uma câmara de eco é uma estrutura social epistêmica da qual outras vozes relevantes foram ativamente excluídas e descreditadas (NGUYEN, 2018, tradução nossa).

Para o trabalho empírico, escolhi me aproximar da observação participante (VALLADARES, 2007), uma ferramenta qualitativa da etnografia, o método para coleta dados de pesquisa através do contato direto com o objeto de estudo.

A memória coletiva, conceito utilizado por Giddens (2001) e trabalhado inicialmente por Halbwachs (1990), tratará das lembranças em grupo e individuais, explicando que ambas apenas se sustentam coletivamente. Esse conceito será parte do trabalho de compreender como se firmam e desenvolvem laços emocionais, identidade e pertencimento existentes no meio estudantil republicano, que perseveram através das gerações e são elementos conectados a outro conceito: a tradição (GIDDENS, 2001).

Além disso, fiz a leitura e aplicação de procedimentos metodológicos inspirados na etnografia e netnografia, observação participante e não-participante com registro em diário de campo e entrevistas, citados pelos autores Marialva Barbosa (2002), Isabel Travancas (2002), Gilberto Velho (1980), Lícia Valladares (2007) e Giselle Lage (2009). Essas revisões me auxiliaram a definir o método de trabalho e compreender meu lugar de pesquisadora dentro do universo republicano, posição familiar desafiadora para a observação participante, além de ajudar na compreensão do lugar do jornalismo e da antropologia (TRAVANCAS, 2002) e como as áreas podem se complementar para tornar a pesquisa possível e enriquecida.

Para Travancas (2002), quando observador de sua própria sociedade, o antropólogo precisa desenvolver a capacidade de sair de seu lugar para poder analisar “de fora” a situação em pauta, transformando o familiar em exótico e, quando necessário, o exótico em familiar. Esse movimento foi feito por mim constantemente, pois a minha situação de pesquisadora é exatamente a de indivíduo inserido na realidade que pretende observar, gerando o desafio de distanciamento, conforme Gilberto Velho (1980), do que me parece familiar.



O método de observação utilizado parte da escolha de um local para observação e pode ser realizado em quatro níveis, de acordo com Buford Junker e Raymond Gold, citados por Amaro (2004). São eles: a participação total (quando o jornalista ou observador não é reconhecido como pesquisador e recebe a colaboração de informantes internos); a participação como observador (os observados sabem de sua posição e a entendem claramente); o observador como participante (o pesquisador tendo pouco contato e de maneira superficial, prevalecendo a observação); e o observador total (quando os observados ignoram a presença do pesquisador). A participação como observadora me pareceu a mais adequada para compreender e vivenciar a vida republicana, levando-se em consideração a realidade vivida na maior parte do ano de 2020 com relação à pandemia do vírus SARS-CoV-2, que me impediu de estar presencialmente nas repúblicas.

Dessa forma, também precisei acrescentar entrevistas como forma de coleta de dados. As entrevistas foram mescladas a duas observações participantes presenciais que realizei nas repúblicas-objeto, tendo sido o total de uma em cada, no mês de março de 2020, antes que as medidas de restrição quanto ao contato físico se estabelecessem. As repúblicas escolhidas para a observação pediram anonimidade (também com substituição de nomes reais de moradores para nomes fictícios) para evitar exposição pública, as identifiquei como: a federal N1, ouropretana, e a particular N2, marianense. A República N1 é masculina e foi fundada em 1958, já a República N2 é feminina e foi fundada em 1998. As duas eram compostas por 9 moradores e 8 moradoras, respectivamente, à época da observação, e também possibilitam a comparação comportamental entre uma república masculina e uma feminina, além da distância temporal entre a fundação de ambas.

Devido à pandemia de SARS-CoV-2, não pude seguir com o trabalho de campo presencial, precisando mudar meu método para um caráter netnográfico de observação não-participante com apoio de entrevistas realizadas por meio online, em sala de reunião por vídeo-chamada. Escolhi a plataforma do Google Meet para realizar essa conexão entre mim e as repúblicas, sendo também utilizada pela república N1 para realizar seus encontros on-line, sendo eles a Festa do 12¹³ e o teste da plataforma online para a realização desta comemoração

¹³ Tradicional festa realizada pelas repúblicas de Ouro Preto no feriado de 12 de outubro.



tradicional, que observei como planejado. Kozinets (2010) descreve a netnografia como feita no trabalho de campo de ambiente online, que pode incluir, além da pura observação, entrevistas online, coletas de dados de arquivos e análise semiótica, por exemplo.

A pesquisa, que pende para o uso da etnografia, é de natureza qualitativa e, portanto, não se aproxima da objetividade característica de uma metodologia quantitativa. As observações e a análise que daí procederam são claramente subjetivas, podendo inclusive serem questionadas pelos leitores.

As consequências da bolha

A bolha social gera como notável consequência o afastamento da comunidade republicana do resto da comunidade local natural das cidades de Ouro Preto e Mariana e, conseqüentemente, de suas ideias. A atual decana da república N2, fala sobre esse distanciamento:

[...] Eu posso falar mais com mais propriedade da minha república [...]. Eu sinto que o sistema republicano, o meio universitário é bem dividido da cidade de Mariana [...] nunca tive tanto contato com as pessoas de Mariana mesmo, foram poucas as pessoas que eu conheci e fiz amizade que já são de lá, mas... Porque o meu meio mesmo era o republicano, era minha casa, né, e a gente tinha amizade com outras repúblicas, então eu sempre convivi mais nesse meio republicano e nesse meio universitário [...] (LUZIA, 2020).

A ex-decana da casa, Carolina, segue a mesma reflexão:

A universidade e Mariana são duas bolhas muito distantes. [...] Primeiro, que as pessoas de Mariana não sabem que a UFOP é acessível, né, deveria ser pelo menos. Tem pessoas que não sabem que podem passar por lá, entrar a hora que quer. E quando a gente vai pra Mariana e mora em república e vai pra universidade, a gente não tem contato com os moradores, nascidos em Mariana. A gente tem contato entre a gente. Dificilmente a gente troca ideia com pessoas que nasceram em Mariana. Durante a graduação inteira eu tenho uma amiga de Mariana, que eu conheci na UFOP. E aí depois no meu último ano que eu fui me aproximando mais da população marianense, porque a gente não tem esse contato (CAROLINA, 2020)



O decano da república N1 segue a mesma linha de pensamento quando lhe pergunto se há afastamento entre as repúblicas e a população ouro-pretana:

Se tiver tendo festa na maioria das vezes eu nem pago, né, mas agora se uma pessoa que é de Ouro Preto e não conhece, não tem muita amizade com a casa, então pessoal não vai deixar entrar, sabe [...] É claro que tem questão de segurança, de precaver e tudo mais mas eu vejo que tem muito essa diferença, sim. E eu não vejo que as repúblicas [...] estão de fato preocupadas assim com a comunidade ouro-pretana. A maioria das repúblicas que cumprem um papel social eu vejo muito que é pra mostrar, pra mostrar uma imagem. Não vejo uma preocupação efetiva assim com o público ouro-pretano, com a comunidade, com a história do local [...] (GABRIEL, 2020)

Dos três membros da comunidade a quem perguntei sobre o afastamento, os três o confirmam em formas de pensar muito parecidas. Ao perguntar a ex-decana Carolina sobre o afastamento em relação à comunidade local ser ou não intencional, ela diz achar que acredita que sim, que é algo proposital, e acrescenta:

Eu acho que é da experiência também, porque várias pessoas de Mariana, principalmente as mais velhas, não gostam de universitários. Principalmente de república. Universitário não, república. Não gosta porque faz barulho, faz bagunça, incomoda. Acho que aí as pessoas que moram em república meio que criaram um bloqueio de não interagir com essas pessoas que não gostam da gente. Mas a gente acabou generalizando, não é todo mundo, tem as exceções. [...] Talvez seja uma forma de segurança, mesmo, mas eu falo não só de rock porque rock é difícil, é complicado, é uma realidade diferente do resto do mundo, nós na universidade de Mariana, mas eu falo do dia a dia também sabe, esse diálogo [...] (CAROLINA, 2020).

Fazendo a mesma pergunta à decana atual da casa, ela comenta:

Não... Pelo menos, assim, lá na N2 eu nunca vi desse jeito, mas é por a maioria dos universitários morar em república [...]. Eu não acho que é uma coisa proposital... Mas eu acho que... Que só acontece, na verdade. Porque quando eu entrei na N2, a N2 já tinha amizade com algumas repúblicas e consequentemente as pessoas que moram nessas repúblicas são é... São gente da universidade. Eu acho até que muitas repúblicas têm esse pré-requisito de só aceitar estudante e tudo o mais. Então... Eu não acho que é proposital, mas foi o que eu vi acontecendo desde que eu entrei. Esse contato... Ser um círculo mais fechado [...]. (LUZIA, 2020).



O afastamento das repúblicas tradicionais ouro-pretanas e marianenses em relação ao contexto local ou aos moradores das cidades onde estão situadas é, então, confirmado pelos decanos de ambas as repúblicas estudadas e pela ex-decana da república N2. Juntando tais observações à minha própria experiência como membro dessa comunidade, me parece de fato claro que o afastamento é real. A bolha epistêmica acontece através da omissão de informação vinda de fora que termina por ser filtrada ao passar pelos processos de introdução dos potenciais calouros na comunidade: dessa forma a bolha mantém a película que a separa da realidade de fora, consequência que pode acontecer acidentalmente durante a própria formação da comunidade. No caso das repúblicas, o contato é omitido como resultado das relações reforçadas todos os momentos dentro da própria comunidade: os rocks que reforçam laços entre as casas, os hinos que reforçam uma ideia sobre a república, a escolha e seleção que resultam na união entre grupos e pessoas que pensam de forma semelhante. Relembrando o que diz Nguyen (2018), uma vez que se fazem parte dessa comunidade as crenças, estilos de vida e pontos de vista gerais, por exemplo, eles passam a se reforçar naturalmente pela falta de divergências consideráveis entre os membros, seja na grande comunidade republicana ou dentro da realidade de cada casa.

Uma vez iniciado esse ciclo, ele tenderá à repetição toda vez que o processo de seleção de calouros se iniciar e se reforçará e consolidará continuamente através das gerações, sendo interferido quando a bolha estourar (um novo decano que passa a mudar costumes e a aceitar membros mais diferentes, abrirá conseqüentemente a república para o contato com algo novo e, então, da próxima vez o ciclo recomençaria com certas diferenças, ainda que pequenas). Algumas das repúblicas, como relembro na fala do decano da república N1, têm contato com a cidade de Ouro Preto por meio de causas sociais: "Eu acredito que as repúblicas federais de Ouro Preto, elas até têm papel social, né, legal na cidade... Mas eu com certeza vejo essa segregação entre o público das repúblicas e a comunidade ouro-pretana, né." (GABRIEL, 2020).

Essa reflexão dá a entender que a segregação que ocorre é causada pelo contato exclusivo de república para república que retroalimenta a comunidade e não por negarem a possibilidade de outras realidades sociais, porque esse reconhecimento existe em contato por outros meios. Esse contato existe em algum nível em algumas casas, embora a comunidade siga



existindo em uma redoma de película fina como efeito colateral das práticas tradicionais que reforçam os mesmos modos de pensar. Viver em um grupo formado por pessoas que terminam por reforçar o senso comum interno apenas sobre as realidades que transpassam o filtro da bolha resulta em pouco contato com realidades e ideias realmente divergentes. Entre as consequências de viver dentro de uma bolha social, ressalto:

Pouco compartilhamento da cultura local: Para conhecer a cultura local não basta usufruir do que a cidade dispõe, mas conhecer as pessoas que fazem essa disponibilidade ser possível. Os habitantes dessas cidades são os responsáveis por sua existência e manutenção e são os criadores e preservadores de sua cultura, que não é facilmente acessível sem contato pessoal. Experiências como observar a arquitetura local e experimentar sua gastronomia, que estão geralmente a fácil alcance, são experiências comuns a qualquer lugar visitado por um turista. A cultura vivida pelos locais, como as histórias por eles contadas e os conhecimentos por eles guardados, só são acessíveis através do contato próximo e intencional com os mesmos, ou seja: o aprendizado cresce nas relações entre indivíduos diferentes.

Déficit de conhecimento sobre o gênero oposto: as repúblicas mais tradicionais são geralmente somente femininas ou masculinas. Inclusive, há apenas uma república federal mista em Ouro Preto. O pouco contato com o gênero oposto na vivência comum ao cotidiano limita significativamente a base de argumentos para uma discussão sobre assédio sofrido por mulheres, em uma república masculina, ou todos os efeitos possíveis da masculinidade tóxica, em uma república feminina. Ainda que a república N2 esteja localizada na cidade de Mariana, onde os dois campi da UFOP são voltados às Ciências Humanas e a República N1 cultive o interesse por discussões políticas, como vim a saber de seu decano atual, ambas as casas estão em desvantagem de aprendizagem por conta das limitações resultantes de suas regras de gênero para seleções de moradores.

Classes sociais limitadas: o primeiro filtro que limita as classes sociais com as quais os republicanos têm convívio vem desde a época da matrícula na universidade. Apenas os estudantes com condição financeira para estudar na UFOP, de fato, irão para lá, mesmo que ele termine por viver em uma das moradias da universidade. Vários níveis de condição financeira são testados nesse momento e apenas os que puderem pagar para morar em uma república de fato poderão entrar para essa comunidade. Cada república tem sua própria estimativa de custos



mensais por membro e embora as repúblicas federais sejam mais acessíveis por não pagarem aluguel, o membro ainda precisaria poder permitir-se pagar pelo estilo de vida republicano, já que muitos dos rituais da comunidade consistem de reuniões sociais com outras casas nas quais são necessários o pagamento por bebida, comida ou algum outro material que será utilizado para o lazer. Além disso, para realizar um rock é necessário pagar por tudo que será oferecido aos convidados e esses também precisam pagar por sua entrada. Esse convívio social é frequente e agitado, forçando o aluno a dispor de mais poder econômico do que o básico para viver na república, especialmente a tradicional.

Pouco contato com diferentes fases e lugares da vida: os membros da comunidade republicana geralmente se limitam a uma faixa etária específica, digamos que uma faixa universitária, na qual é rara a existência de um indivíduo fora da casa dos vinte anos. De certa forma isso pode trazer um grande foco no presente e pouca reflexão sobre as experiências vividas em outros momentos da vida e o que indivíduos em idades diferentes podem trazer como ensinamento. As diferentes idades vêm de pessoas que podem estar experienciando situações sociais diferentes, ainda que na mesma faixa etária universitária da comunidade republicana. Isso pode resultar em pouca compreensão da amplitude de formas e ritmos de se viver, nas quais não há a fórmula social a qual essa comunidade está acostumada a presenciar e, talvez, reproduzir.

Por fim, considero que a bolha social traz pouco contato com diversidade de pensamento para quem está do lado de dentro, privando um desenvolvimento intelectual mais complexo sobre situações que não passam pelo filtro de forma apropriada, causando lacunas, déficits na forma como indivíduo de dentro da bolha olha para os que estão do lado de fora.

Considerações finais

A vida nas repúblicas de Ouro Preto e Mariana existe em meio a uma grande comunidade com fortes traços tradicionais (GIDDENS, 2001) presentes em mais de uma camada: há a ampla comunidade que constitui as repúblicas ouro-pretanas e marianenses, a comunidade de repúblicas especificamente de Ouro Preto, assim como as de Mariana e há a própria república, como unidade, que também possui as mesmas características tradicionais



básicas em seu sistema cotidiano. Essa grande comunidade é mantida firme e conectada através dos rituais praticados em grupo, como os rocks, os sociais, o canto do hino, a escolha e o quadrinho, que geram o senso de identidade (BAUMAN, 2000) e alimentam laços emocionais que fazem a comunidade afetiva (HALBWACHS, 1990).

A república, como unidade, não funcionaria do jeito que descrevi se não existisse a grande comunidade tradicional republicana e vice-versa, desde que uma mantém a outra alimentada como em uma relação simbiótica. O conceito dessa comunidade só existe, assim como o de qualquer outra comunidade, através de um princípio básico de exclusão. Se uma república é feminina, logicamente não pode haver homens. Se for uma casa de vida social superativa, dificilmente haverá nela um estudante com orçamento previsto apenas para aluguel e alimentação, sem muito lazer incluso. E se for uma república iniciada por pessoas mais jovens, é improvável que um dos moradores seja de meia-idade. E dessa forma se constrói a exclusão, detalhe por detalhe, filtro em cima de filtro. Intencionalmente ou não, se agrupam pessoas que, seja por uma ou inúmeras razões, se conectam facilmente como semelhantes. Nessa lógica, apoia-se a noção do que distingue "nós" dos "outros".

O contato frequente entre membros desse grupo e os filtros sociais que o estruturam encontra sustento por meio das práticas repetitivas de rituais citados anteriormente. Esses rituais são repletos de significados que, além de servirem a motivos práticos, passam a representar profundo teor emocional para cada membro. Temos então as repúblicas como comunidade formada pelo resultado de filtros que selecionam seus moradores, que se mantém forte e alimentada por suas tradicionalidades que geram também um significativo senso identitário, de pertencimento e conforto. Esse interessante efeito dominó resulta, afinal, em um outro fenômeno: a bolha epistêmica (NGUYEN, 2018). Um grupo de pessoas vivendo continuamente com indivíduos semelhantes, que provocam pouco desafio de convivência e experiências realmente diversas:

Embora providenciem diálogos estimulantes entre si, esses indivíduos se alimentam na verdade de opiniões reprocessadas e repensadas por outras pessoas que também pensam de maneira próxima entre si e pouco heterogênea, o que causa uma comunidade em déficit de conhecimento prático da realidade do outro lado da frágil, porém existente, redoma. Dessa forma, acredito ser possível afirmar que o sistema de repúblicas estudantis de Ouro Preto e



Mariana, de fato, influencia a existência de uma bolha social. A bolha nasce justamente com ajuda da comunidade tradicional republicana, que em sua concentração social dentro de seu próprio círculo, dificulta a entrada de vozes que tragam ideias divergentes, que venham de fora, no caso, especialmente dos não-estudantes e não-moradores de repúblicas, geralmente moradores locais das cidades de Ouro Preto e Mariana. Assim emergem importantes reflexões de caráter comunicacional: a comunidade de repúblicas ouro-pretanas e marianenses funciona de tal forma e com tal intensidade que as rotinas de seus membros giram praticamente inteiramente ao redor dessa realidade, que é composta por membros que se uniram através de processos de seleção de similaridade e que alimentam, então, uma rede de conexões pobre em diversidade de informação (NGUYEN, 2018).

Desde que esses indivíduos desprendem considerável energia social destinada diariamente a esse meio, me parece razoável concluir que também se informam por ele e tais informações, sempre tão similares entre si, terminam por se auto reforçar e auto inflar o ego epistêmico (NGUYEN, 2018) de seus membros, que acreditam cada vez mais intensamente na veracidade de suas perspectivas sobre o resto da sociedade. Essa comunidade existe em escala notável há pelo menos 101 anos, de acordo com a Castelo dos Nobres, república estudantil fundada em 1919 e autointitulada a mais antiga de Ouro Preto e, mais além, do Brasil. Ouro Preto e Mariana são anfitriãs de uma comunidade que não compartilha substancialmente de sua cultura, ao mesmo tempo que a comunidade em questão tem sua atenção social quase que totalmente absorvida por ela mesma, ainda que esse fenômeno aconteça de forma acidental.

Por fim, essa pesquisa não pretende colocar sob pedras as questões discutidas, que podem se tornar o início de outros caminhos que fomentem mais reflexões. Por exemplo, de que forma o distanciamento dessa comunidade afeta as cidades anfitriãs? Quais devem ser as consequências sentidas individualmente na vida pós-república? Como esse sistema pode servir para analisar outras bolhas sociais?

REFERÊNCIAS

AMARO, Vanessa Fernandes. Vivendo na pele do outro: a observação participante para desvendar a favela da Rocinha, no Brasil. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, v. 1, 2004. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=809. Acesso em: 28 set. 2019.



BARBOSA, Marialva. Conceitos, armadilhas, olhares: apontamentos metodológicos para a consolidação de um campo transdisciplinar. *C-Legenda*, Niterói, n. 2, 2002. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36820>. Acesso em: 1 abr. 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

QUEIROZ, Rafaela. Cresce o número de ingressantes da região e do estado na UFOP. **Universidade Federal de Ouro Preto**, 30 jan. 2019. Disponível em: <<https://ufop.br/noticias/sisu/cresce-o-numero-de-ingressantes-da-regiao-e-do-estado-na-ufop>>. Acesso em: 31 out. 2019

GIDDENS, Anthony. **Em defesa da Sociologia**: Ensaios, interpretações e trélicas. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

HALBWACHS, Maurice. Memória coletiva e memória individual. *In*: HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Revista dos Tribunais, 1990.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

LAGE, Giselle Carino. Revisitando o método etnográfico: contribuições para a narrativa antropológica. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 1, p. 7, 2009.

NGUYEN, C. Thi. Echo Chambers and Epistemic Bubbles. **Episteme**, v. 17, n. 2, p. 141–161, 2020.

TRAVANCAS, Isabel. Jornalistas e antropólogos – Semelhanças e distinções da prática profissional. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., 2002, Salvador. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2002. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/93938703768181946134929607127456618345.pdf>. Acesso em: 28 set. 2019.

VALLADARES, Licia. Os dez mandamentos da observação participante. **Revista brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 22, n. 63, p. 153-155, fev 2007.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. *In*: VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980. p. 123-132.